

ADENTRANDO TERRITÓRIOS E MENTES: A VALE E SUA ATUAÇÃO NA CULTURA DAS COMUNIDADES MARANHENSES AO LONGO DO CORREDOR DE CARAJÁS: APONTAMENTOS A PARTIR DA METODOLOGIA EM GEOGRAFIA

Maria das Graças Silva Zonta

Mestranda em Geografia - Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe
(TerritoriAL)

Instituto de Políticas Públicas e Relações Internacionais (IPPRI)
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP)

gracinhadonato@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado das leituras e discussões realizadas na disciplina: Metodologia em Geografia ofertada no primeiro módulo da turma Violeta Parra, do curso de Pós-Graduação em Geografia Desenvolvimento Territorial na América Latina e Caribe (TerritoriAL) da Universidade Estadual Paulista, pelo Prof. Dr. Bernardo Mançano Fernandes e pela Prof. Dr^a Janaina Francisca de Souza Campos Vinha, em maio de 2019.

Nesse sentido, apresentaremos o projeto de pesquisa e a metodologia que será utilizada a partir das abordagens feitas na disciplina citada.

Para isso, apresentarei a metodologia que será adotada durante a pesquisa que desenvolveremos, tendo como ponto de partida dois conceitos fundamentais na geografia e seus desdobramentos: espaço e território. Além disso, considero importante trazer presente um breve histórico da mineradora Vale e seu *modus operandi* a partir do Corredor de Carajás, onde boa parte da pesquisa será desenvolvida.

Desse modo, aponto, ainda, uma das formas que o povo utiliza para conhecer e atuar nas contradições do modelo de exploração mineral em que vivem, que é a organização social.

SOBRE CULTURA, ESPAÇO E TERRITÓRIO: ALGUNS TRAÇOS PARA ENTENDER O OBJETO

A cultura é uma necessidade, mais que isso, ela é a base fundamental da constituição humana, sendo o modo como vivemos, questionamos, refletimos e atuamos sobre a vida, sobre o mundo. Todo processo constitutivo do homem e da mulher deve-se à cultura e ao trabalho, pois juntos, formam e transformam o ser social.

A cultura vai além das manifestações culturais de um povo, ela é, sobretudo, a base das nossas relações sociais. A partir dela, compreende-se a sociedade em todos os seus aspectos: econômico, religioso, político, histórico, social.

Sobre a cultura, Raymond Williams (1979) diz:

A cultura é de todos: este o fato primordial. Toda sociedade humana tem sua própria forma, seus próprios propósitos, seus próprios significados. Toda sociedade humana expressa tudo isso nas instituições, nas artes e no conhecimento. A formação de uma sociedade é a descoberta de significados e direções comuns, e seu desenvolvimento se dá no debate ativo e no seu aperfeiçoamento, sob a pressão da experiência, do contato e das invenções, inscrevendo-se na própria terra. (WILLIAMS, 1979, p. 62)

Pisar na terra, conhecer o chão, reconhecer o lugar onde produzimos e reproduzimos nossa existência. Tem gente, bicho, mato, riqueza que se vê e que não se vê, lá de baixo da terra.

Para a compreensão da geografia enquanto ciência, é preciso abordar os diferentes pensamentos que embasaram os processos para se chegar a uma geografia que compreende os territórios na sua totalidade com seus múltiplos sujeitos que vivem, se organizam e resistem no cotidiano e o espaço, categoria importante dessa ciência, ser pensado pelos sujeitos que o transforma a partir de suas ações, numa relação intrínseca e dialética.

Como os saberes não são neutros, os olhares geográficos construídos ao longo da história cumpriam também a função de apresentar um país a partir de interesses políticos, desconsiderando a existência de povos, florestas, bens comuns de interesse coletivo, apresentando um Brasil como um território a ser explorado.

Essa visão vinha muito de como eram os estudos da geografia no Brasil. Desde o seu surgimento, a geografia foi a geografia da alienação, a caracterização do espaço se dava a partir da descrição das crônicas, os cronistas tinham a função de estudar a fauna e a flora, contemplando as paisagens e as belezas no espaço. A ideia de separação do sujeito e do espaço é conceito da geografia fragmentária construída pela ciência, para ela, o espaço é plano, uma área, apenas uma superfície, esta é uma concepção positivista, liberal e linear que crê na evolução das coisas, ou seja, é um pensamento conservador.

Nessa perspectiva, o liberalismo se apropriou do pensamento conservador de espaço, isso é, apenas como superfície, e não no sentido de lugar onde se produz vida, em que a natureza é indissociável do ser humano, para justificar a retirada do sujeito de seu território e, assim, controlá-lo.

Segundo o geógrafo Milton Santos, o espaço é um conjunto contraditório e solidário de sistema de ações e sistemas de objetos, é

[...] algo dinâmico e unitário, onde se reúnem materialidade e ação

humana. O espaço seria o conjunto indissociável de sistemas de objetos, naturais ou fabricados, e de sistemas de ações, deliberadas ou não. A cada época, novos objetos e novas ações vêm juntar-se às outras, modificando o todo, tanto formal quanto substancialmente. (SANTOS, 2008, p. 46).

Através do conceito de multidimensionalidade é possível compreender o espaço não apenas como o lugar onde se vive, o chão onde pisamos, o que está em cima ou embaixo da terra, mas toda a totalidade da vida, ou seja, o espaço como a materialização da existência. Compreender o todo a partir das partes, cada fração contém o todo e o todo contém as partes, o ser produz as ideias e as ideias produzem espaço, desse modo, o todo e a parte se produzem o tempo todo,

O que transforma o espaço em território é a relação de poder. A sua transformação se dá a partir do conflito, da relação dos sujeitos e dos objetos. Território significa autonomia e soberania.

Segundo Fernandes (2008):

As disputas territoriais não se limitam à dimensão econômica. Pelo fato do território ser uma totalidade, e multidimensional, as disputas territoriais se desdobram em todas as dimensões, portanto, as disputas ocorrem também no âmbito político, teórico e ideológico, o que nos possibilita compreender os territórios materiais e imateriais. As políticas de dominação e de resistência utilizam o conceito de territórios para delimitar tanto os espaços geográficos disputados, quanto de demarcar os pleiteados (...) O sentido da disputa está na essência do conceito de território, que contém como princípios: soberania, totalidade, multidimensionalidade, pluriescalaridade, intencionalidade e conflitualidade. (FERNANDES, 2008, p. 4)

O conceito de multiescalaridade será também abordado no objeto de pesquisa aqui apresentado. A multiescalaridade é o primeiro território do país, o fixo, em escalas. A escala permite aproximação ou distanciamento, quanto maior a perspectiva escalar, maior será a compreensão do espaço.

Os conceitos de multidimensionalidade e multiescalaridade abrem o pensamento crítico à medida que o primeiro nos permite olhar em todas as direções e o segundo, compreender o espaço em perspectivas local, regional, nacional, mundial.

A territorialidade, isso é, o modo como se usa o território, a intencionalidade, ou seja, “a opção histórica que as pessoas fazem e que determinam a direção de seus pensamentos para a construção e defesa de ações políticas, como e escolha de paradigmas, correntes teóricas, políticas públicas, modelos de desenvolvimento, ou seja, leituras que direcionam as compreensões das realidades” (FERNANDES, 2008) adequam-se à esta pesquisa a partir do método que utilizarei para analisar a realidade encontrada e a imposta pela mineradora Vale ao adentrar os territórios, bem como as

diferentes territorialidades existentes. O modo de produção e reprodução da vida de um povo e a chegada de um grande empreendimento capitalista, modificando culturalmente a forma de vida de determinado território.

A territorialidade capitalista é um modelo que existe dentro de uma escala mundial.

Nesse sentido, o método TDR – Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização será utilizado para a compreensão de como a mineradora se expande nacional e internacionalmente de maneira contínua e descontínua nos territórios e como isso provoca a diminuição ou a perda dos territórios e, a partir das contradições, há a recuperação do território em outros lugares, o que causa, certamente, a perda de identidade.

“QUANTAS TONELADAS EXPORTAMOS DE FERRO?” A MINERADORA VALE E SEU *MODUS OPERANDI* AO LONGO DA ESTRADA DE FERRO CARAJÁS (EFC)

Apresento a seguir um breve histórico da mineradora Vale, além de apresentar o corredor de carajás que abriga a linha férrea da empresa que extrai o minério de ferro de Parauapebas até São Luís, atravessando e cortando diversos territórios entre o Pará e o Maranhão, na lógica capitalista de enxergar apenas o lucro num lugar em que as formas de vida existentes não importam para o capital vigente.

O Brasil é um país minerado há aproximadamente 300 anos. O primeiro ciclo de extração mineral ocorreu no estado de Minas Gerais, que foi o primeiro foco de exploração dos bens minerais no país. Os primeiros saques minerais tiveram o ouro e as pedras preciosas como principais produtos, realizado no período colonial pela Coroa Portuguesa para atender a acumulação de metais preciosos na Europa, através da política econômica que ficou conhecida como mercantilismo. A mineração era mais um bem estratégico brasileiro que passava a ser funcional para a nascente economia brasileira: débil, desigual e dependente. O objetivo principal era atender as potências econômicas europeias da época. A organização da indústria de saqueio mineral se confunde com a formação do Estado brasileiro, tendo como característica a negação e a exclusão do povo. Impõe-se enquanto face mais violenta e excludente da formação sócio econômica brasileira, associada ao Estado enquanto responsável pela violência legítima (institucional).

A Vale, fundada em 1942 por acordos perniciosos entre os governos da Inglaterra e Estados Unidos para fortalecer a indústria bélica desses países, passou, ao largo da sua história, sobretudo após sua privatização em 1997, a produzir um leque de atuação no plano cultural das comunidades no que diz respeito ao imaginário social

do progresso e das cifras exorbitantes que foram despejadas nos festejos culturais de outrora popular.

Ao longo da Estrada de Ferro Carajás (EFC), com atuação há mais de 30 anos nos estados do Pará e do Maranhão, passando por 27 municípios, a Vale tem como principal forma de comunicação, projetos culturais que têm como finalidade a valorização da cultura tradicional nas comunidades.

No entanto:

Em toda a cadeia produtiva da mineração executada pela Vale, seja ela destinada à exportação ou à produção interna, os impactos que causa à sua volta são sempre extremamente agressivos. E eles ocorrem desde a pesquisa até a extração, desde a derrubada da floresta nativa até a formação de “florestas” de eucalipto destinadas à produção do carvão vegetal [...] desde a construção de hidrelétricas até a contaminação das águas por fortes poluentes químicos, desde o transporte ferroviário do produto até a construção dos portos destinados aos navios que levarão o minério para o exterior. (PINASSI e GOMES, 2015, p.23/24)

Ou seja, o discurso da empresa é o mais comum quando chega nas comunidades para realizar o seu projeto: trazer desenvolvimento, geração de emprego, valorização da cultura local. Porém, por onde passa o que deixa é um povo totalmente dependente, pobreza e falta de soberania.

A Vale nasceu já umbilicalmente ligada ao mercado externo com propósito de abastecê-lo com minério de ferro. Com um contrato de três anos, a empresa se comprometia a vender toda a produção de cerca de 1,5 milhão de toneladas de minério de ferro para a Inglaterra e Estados Unidos a preços abaixo dos praticados no mercado mundial. O contrato poderia ser renovado até o final da Segunda Grande Guerra. No acordo, o governo brasileiro também se comprometia a modernizar a Estrada de Ferro Vitória-Minas.

Depois desse primeiro capítulo de sua história, a Vale ganha poder de ampliação com a descoberta das jazidas de ferro em Carajás, no Pará. E começa operar na serra norte de Carajás na década de 1980.

O Corredor de Carajás, ou Estrada de Ferro de Carajás, faz parte do processo logístico da mineração da empresa Vale, fundada em meados de 1984, que abrange os estados do Pará e Maranhão. É o maior trem do mundo que sai de Carajás (PA) e vai até o porto de Itaqui em São Luís (MA).

Ele tem 330 vagões, puxados por quatro locomotivas, com quase 3.500 metros de extensão. Pode carregar 40 mil toneladas em cada viagem, num percurso de 892 quilômetros, demorando quase dez minutos para passar por inteiro. No entanto, ele poderá aumentar, pois a mineradora Vale está testando um novo trem, com quase o

dobro do atual. São 660 vagões, 110 por cada trem, que podem transportar 68 mil toneladas por viagem. É a mesma capacidade de um navio padrão de carga.

Diante desse cenário, as comunidades - que possuem uma pluralidade cultural extensa, indígenas, camponeses, ribeirinhos, quilombolas - passaram e se rebelar em constantes protestos, que muitas vezes recorria a interdição, com pneus queimados, do Corredor de Carajás.

Frente ao descontentamento das comunidades, que foram invadidas por uma serpente de ferro, que corta seus quintais, suas escolas, igrejas, comunidades praticamente ao meio, a Vale adotou várias estratégias no corredor de Carajás.

Inicialmente a empresa se utiliza de formas de convencimento, que vão desde sequestrar a cultura local como “patrocinar”¹ a festa mais popular do Maranhão, o Boi, colocando a Vale exaustivamente sua marca em todos os lugares das cidades, com uma mensagem subliminar de poder e onipresença.

Além de influir em currículos de escolas estaduais e municipais do corredor de Carajás, bem como a formação de professores, colocar a temática minerária como a mais desejada pela juventude que faz cursos técnicos e construir centros de lazer para comunidades.

De maneira frenética colocam propagandas em outdoor das cidades apresentando suas “benfeitorias”, anúncios em rádios e televisão ao longo do corredor.

No entanto, através das próprias contradições desse modelo de saque dos bens naturais, a lógica de desenvolvimento capitalista que provoca desigualdades sociais por onde se instala, destrói os modos de vida nos territórios, o povo se organiza e aponta os principais problemas além de forjar lutas e resistências nos territórios. Nesse cenário de contradições, o MAM – Movimento pela Soberania Popular na Mineração, um movimento que surge de uma acumulação da experiência de espoliação histórica da mineração no Brasil, alinhada às últimas lutas amazônicas em torno da expansão da mineração na região de Carajás e outros pontos da Amazônia, se estrutura por uma plataforma política de soberania popular sobre os bens naturais do povo brasileiro, organizando as massas pauperizadas contra esse estágio de exploração, em forma de saque, apossamento e mercantilização da natureza, buscando uma aliança entre os explorados (trabalhadores da indústria da mineração) e os atingidos nos mais diversos territórios (mínimos e ampliados) e a sociedade.

ADENTRANDO TERRITÓRIOS E MENTES: COMO ENTENDER A MOVIMENTAÇÃO DO INIMIGO?

A partir desse cenário, pretende-se identificar as ações da Vale no âmbito das atividades culturais e analisar suas estratégias de intervenção. Para tanto, organizarei

a pesquisa a partir dos anos 2000, buscando compreender como se encontrava o país e a região naquela época, quais projetos culturais foram desenvolvidos pela empresa em cidades e comunidades do estado do Maranhão (neste estado, são 23 cidades e mais de 100 comunidades). Percorrerei todas as cidades por onde o trem passa, mas adentrarei também as diferentes comunidades e suas diferentes territorialidades – indígena, quilombola, camponesa, etc – e delimitarei quais serão aprofundadas através do modo como resistem e da atuação da mineradora.

Serão feitas entrevistas com grupos, com lideranças e pesquisas a documentos da empresa, além de conversas com representantes da mineradora para verificar o número de comunidades e agentes sociais envolvidos nas atividades da Vale e os elementos simbólicos em disputa e compilar as ações das comunidades no âmbito da cultura e da formação de resistências.

Entre 30 e 60 dias ficarei na região para colher dados e desenvolver a escrita da pesquisa.

Os procedimentos de pesquisa que serão adotados ocorrerão através da ampliação das revisões de literatura acerca das categorias e conceitos fundamentais da pesquisa, quais sejam: Análise crítica dos elementos simbólicos contra hegemônicos; Definição de entrevistas com o agente de cultura da comunidade e sua leitura acerca dos projetos hegemônicos e contra hegemônicos; Preparação do trabalho de campo (roteiro de entrevista semiestruturado); Análise de entrevistas; Redação; Redação final.

Ou seja:

a. Levantamentos e análise dos projetos culturais da Vale implementados nos municípios/comunidades do MA ao longo do corredor de Carajás a partir dos anos 2000, com base em entrevistas e consultas de documentos da empresa (sites, relatórios, jornais, etc). Identificar os valores de investimento e o perfil dos projetos culturais.

b. Compilar os projetos e suas realizações nos municípios, identificando o número de ações, de agentes e atividades realizadas nos municípios. Identificar os elementos simbólicos presentes nas ações culturais e suas intencionalidades no plano da ideologia hegemônica.

c. Análise crítica dos elementos simbólicos hegemônicos.

d. Identificação dos projetos contra hegemônicos das comunidades e seu corpo de disputa simbólico e cultural.

Para discutir o conceito de hegemonia, traremos presente Antonio Gramsci e autores/autoras dessa linhagem. Outros autores e autoras consideramos importantes para abordar o tema como Milton Santos, Bernardo Mançano, David Harvey, Maria

Orlanda Pinassi, Raymond Williams, Roberto Schwarz e pesquisadoras e pesquisadores da área que discutem a temática da mineração e outros que discutem o tema da cultura. Utilizaremos também fontes e pesquisas realizadas pelo Movimento pela Soberania Popular na Mineração.

CONSIDERAÇÕES

Diante disso, acreditamos que a pesquisa será capaz de apresentar uma perspectiva crítica de como, através da cultura, os grandes projetos adentram os territórios e modificam o modo de vida e o modo de pensar do povo. Será possível compreender que as disputas territoriais vão além do palpável, aquilo a que chamamos, material. As disputas se dão também através do que não se vê, do pensamento, são os territórios imateriais.

Como bem define Bernardo Fernandes:

O território imaterial pertence ao mundo das idéias, das intencionalidades, que coordena e organiza o mundo das coisas e dos objetos: o mundo material. A importância do território imaterial está na compreensão dos diferentes tipos de território material. Nós transformamos as coisas, construímos e produzimos objetos na produção do espaço e do território. Penso o território imaterial a partir da mesma lógica do território material, como a determinação de uma relação de poder. Essa determinação deve ser compreendida como definir, significar, precisar a idéia ou pensamento, de modo a delimitar seu conteúdo e convencer os interlocutores de sua validade. (FERNANDES, 2008, p. 15)

Poder-se-á questionar como era o território da comunidade antes da chegada da Vale e perceber as diferentes territorialidades presentes nos aspectos cultural, político, social, cultural. Através do olhar multidimensional para a pesquisa e o que a mineradora, através de sua territorialidade capitalista baseada na sua lucratividade em escala mundial e seu olhar sobre o território com sentido exploratório, incidindo diretamente no modo de vida do povo, provocando, assim, a desterritorialização, isso é, a perda de sua identidade, impondo um pensamento hegemônico da empresa, já que a exploração se dá em todos os níveis (corpo, terra, mente, etc), através do discurso de desenvolvimento local pelo trabalho, melhoria de vias, acesso a shows (muitas e na maioria das vezes, da indústria cultural), e, ainda assim, provocando contradições desse modelo que a partir disso, possibilitam o surgimento de grupos contra hegemônicos, apresentando formas de luta com outros sentidos e significados que não os do modelo capitalista.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Bernardo. **Tipologia de Territórios**. Revista NERA, 2008.

SANTOS, Milton. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e meio técnico-científico-informacional. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

TROCATE, C. ZANON, M. J. VIEIRA, J. (Orgs.). **Elementos constitutivos do MAM**. Editorial Iguana, ano 2014

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.